

NOTAS PARA UMA ONTOLOGIA PRAGMÁTICA DA EDUCAÇÃO

Alfons Heinrich ALTMICKS¹

RESUMO: O presente ensaio traduz os esforços que compuseram o degrau inicial de uma investigação sistemática, ainda inconclusa, sobre as possibilidades ontológicas para o campo educacional. Área pouco estudada no Brasil, a Ontologia da Educação representa o ponto de coincidência entre a filosofia pura e as Ciências da Educação. Tomando como eixo o problema da verdade, este ensaio pretende traçar rudimentos sobre a contribuição da Escola Pragmática Norte-Americana ao estudo da Ontologia da Educação. Por se tratar de composição híbrida, optou-se por uma estrutura tendente aos textos filosóficos clássicos, em que os conectivos formais são propositadamente suprimidos. Outrossim, também intencionalmente, os elementos de introdução e conclusão não são formalizados, apenas intuídos.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia. Educação. Verdade. Escola pragmática Norte-Americana.

ABSTRACT: The following essay brings up the efforts that composed the first steps of a systematic investigation, yet to be concluded, about the ontological possibilities on the educational field. The education's ontology, a little studied area in Brazil, represents the tie between the pure philosophy and the science of education. Considering the problem of truth as axis, this essay intends to trace rudiments about the North American Pragmatic School's contributions to the study of the ontology of education. Because it is a hybrid composition, a structure that tends to the classic philosophical texts were chosen, in witch the polite connectives are purposely suppressed. Furthermore, also intentionally, the introduction and conclusion elements are not formalized, but intuited.

KEY WORDS: Ontology. Education. Truth. North American Pragmatic School.

1

As perguntas mais fundamentais da Ontologia se deslocam irremediavelmente para o terreno da linguagem... É possível conhecer a realidade? Somente o fenômeno, ou também o *noumeno*² da realidade? Uma

¹ Graduado em Comunicação Social (UCSal) e em Pedagogia (FAZAG), especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior (UCSal) e em Educação e Novas Tecnologias (ESAB), mestre em Ciências da Educação (USC), doutorando em Ciências da Educação (USC). Docente lotado no instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador. E-mail: altmicks@bol.com.br

² Nestas breves notas, *noumeno* é usado na sua concepção kantiana, de *ser-em-si*.

vez admitido que é possível conhecer o *noumeno* da realidade, seria igualmente possível acomodá-lo em termos inteligíveis? Numa linguagem, por assim dizer, que fosse capaz de delimitá-lo no seu estatuto ontológico? As possibilidades de resposta a estas questões podem ser deslocadas para o Ceticismo Pragmático ou para o Conceitualismo Pragmático.

Nos pensadores do Ceticismo, é negada à consciência humana a permissão para atingir o *noumeno* da realidade. Então, deve o homem se contentar com uma representação simbólica, uma virtualização do real — *gnose*. Os conceitualistas acreditam que é possível conhecer o estatuto da realidade, suas leis, implicações e devires, bem como expressar em linguagem o horizonte mais íntimo de tudo o que existe.

Fundamentos do Ceticismo Pragmático: Peirce, James, Putnam, Debrock, Rorty, Quine.

2

A espécie humana transita em duas inconciliáveis esferas: por um lado, na sua condição orgânica, o ser humano habita a imanência, embora não possa acessá-la em essência. E não pode acessá-la exatamente porque a sua condição orgânica não o permite — não é possível adentrar a natureza mais íntima das *coisas* para conhecer-lhes o absoluto do *noumeno*. Por outro lado, enquanto ser cognoscente, cuja capacidade de abstração é flagrante — e vital para a sua sobrevivência —, o ser humano pertence à esfera da linguagem, onde existe e faz existir tudo o que há. Como seja impedido de acessar o *noumeno* das *coisas*, o homem elabora linguagens, com as quais se apropria dos fenômenos — os fenômenos, por sua vez, postos à mente, retroalimentam as linguagens humanas.

A equação do conhecimento da realidade é de tal ordem estruturante que pode ser assim sistematizada: quanto mais o homem gera pensamentos — formulados em linguagens — mais complexa se torna a sua psique. Uma psique complexa produz pensamentos sistêmicos, fundamentados em linguagens capazes de criar interferência na própria realidade — posto que se transformam em subsídios de sobrevivência social, tais como cultura, ideologia, crença,

tecnologia, ciência, ética. O conceito de linguagem aqui é de fundamental importância, uma vez que não há pensamento fora da linguagem. Com efeito, a linguagem é o esteio do pensar, porquanto a linguagem preceda o próprio pensar. Se algo não pode ser traduzido em linguagem, não foi possível pensá-lo. Aquilo que não foi pensado escapa à própria esfera da existência.

3

A condição humana. O homem posto ao mundo, uno com este. A experiência corpórea, completamente geográfica e cronológica — e, por isso mesmo, finita. Como *noumeno*, o homem está irremediavelmente condenado à vida, absurdo da sua própria condição. Vive e perece, porque está ligado a um corpo biológico, com o qual mantém uma relação de coincidência (na medida em que o habita) e de dissidência (porque dele se distingue, enquanto consciência de si).

4

O Ceticismo Pragmático afirma uma *realidade* apenas acessível na sua construção simbólica — o que, em última instância, circunscreve-a ao campo das representações linguísticas. Da perspectiva humana, o real é sempre uma virtualização do real — o produto de uma confluência de linguagens. O critério da existência é o pensamento expresso em linguagem.

O estatuto da realidade é, portanto, determinado pelo pensamento expresso em linguagem. E esse pensamento constitui o critério da própria existência: nada existe fora do pensar — apenas há. *Haver* e *existir*, à primeira vista, parecem sinônimos, mas uma investigação etimológica³, ainda que superficial, revela um antagonismo fundamental: *Haver* demanda um estado; *Existir* pressupõe consciência.

O conhecimento implica, pois, a existência — a questão se complexifica quando se estende a reflexão: o conhecimento é, sim, critério de existência, mas esta prescinde do estado ontológico dos seres. Do mesmo modo, os seres ontológicos não necessitam da consciência para estarem sítos ao universo. Essa situação converge irremediavelmente para uma cisão entre a dimensão

³ *Haver*". Lt. "Habere": possuir, ter, estar. "Existir". Lt. "Existire": ter existência, ser real.

ontológica do ser e a sua dimensão cognoscente, além de pressupor uma fisiologia específica, não necessariamente empírica, para a produção do conhecimento.

5

É possível conhecer a *verdade*? Ao transpor o problema da existência para o plano da consciência, e portanto da linguagem, o Ceticismo Pragmático ressalta a natureza histórica e inacabada da *verdade*. Com efeito, da perspectiva humana, não é permitido ao ser atingir a verdade do *noumeno* — uma vez que o *noumeno* seja anterior ao próprio ser e a ele se apresente absolutamente incognoscível. O homem deve se contentar com a verdade dada nas formulações conceituais da linguagem.

A linguagem é a verdade em movimento, dissolvendo-se e recompondo-se, no infinito exercício dialético da comunicação humana. O Ceticismo Pragmático não concebe uma contínua aproximação das verdades expressas na linguagem a uma verdade ontológica; antes, determina a cisão entre ambas. As verdades da linguagem permanecerão titubeantes, mas alentadoras do espírito humano. A inacessível verdade ontológica, aos olhos do homem para sempre representará a transcendência inalcançável. Na linguagem, está a separação radical entre o ser e o mundo. O homem supõe a verdade predicativa da consciência; mas a verdade ontológica é antipredicativa e anterior à consciência.

6

Em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*⁴, Nietzsche afirma: *O que é, então, a verdade? Um exercício móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são.* O Ceticismo Pragmático também entende a realidade como um infinito *exercício móvel de*

⁴ Cf. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Os pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

metáforas, no qual as interpretações sobre os fenômenos traduzem mais a *verdade* do que os próprios fenômenos.

7

Nietzsche constitui uma das bases mais sólidas do Ceticismo Pragmático. Tendo sido o primeiro a formular uma antinomia clara entre os âmbitos da razão e da estética — ainda que por conta de uma radical crítica à *verdade* racionalista —, o pensamento nietzschiano apresenta a Arte como um universo de relações cognitivas alternativo àqueles da razão e da moral⁵, conferindo-lhe certo grau de superioridade em relação aos últimos. Nietzsche chama de *ilusão metafísica* a fé no ideal de um conhecimento racional capaz de perscrutar o *noumeno* do real, e exorta o pensador racionalista a buscar na Estética — mais precisamente na recuperação de uma *arte trágica* — a única via de acesso, por intuição talvez, à essência do mundo: a total inserção num plano de inconsciência imanente, de instinto puro, de *vontade positiva de potência*.

Se não há em Nietzsche uma teoria do conhecimento, propriamente sistematizada, tampouco ele se preocupará em estabelecer fundamentos para uma teoria estética. No ímo da sua argumentação, vislumbra-se como único objeto relevante para si a *verdade* — de tal modo que, quando elabora, em nome da arte, a sua querela contra a razão e contra a moral, está na realidade pondo em questão a dicotomia entre *verdade* e *erro*, formulada tanto pelo Racionalismo quanto pela moral cristã. Aí se insere a sua crítica mais mordaz à Modernidade: no ponto em que o Ocidente passa a considerar a *verdade* superior ao *erro*.

A sua negação sistemática de um procedimento cognitivo que estabeleça os limites entre *verdade* e *erro*, e/ou que afirme um em detrimento do outro, aponta para a crença fundamental na inescrutabilidade do *noumeno*, senão através da aparência — linguagem. A arte, ao trazer a *verdade* para o terreno da aparência, da ilusão, do onírico, estaria discutindo o próprio estatuto ontológico do real, desde uma perspectiva situada para além da *verdade* e do *erro* — por assim

⁵ Nietzsche irá sempre identificar uma relação de continuidade entre a razão e a moral modernas; suspeitando do aparente antagonismo entre estas duas esferas do saber. Na sua crítica, nega a existência de uma razão isenta de juízos de valor — como pretendiam os iluministas —, de tal modo que uma genealogia da razão objetiva se revelará, em última instância, uma genealogia da moral.

dizer, *para além do Bem e do Mal*. Pôr-se neste horizonte, de acordo com Nietzsche, é vislumbrar o mundo com os olhos de um homem grego da Antiguidade, cuja vivência do real significava dor, desespero, ímpeto de aniquilação — e para quem o único objetivo satisfatório na vida era a afirmação de uma *vontade positiva de potência*, pela assunção de uma arte verdadeiramente trágica.

A experiência da arte trágica representa a libertação do homem, liturgia da reconciliação mística com o *noumeno* do mundo. Um retorno à inconsciência e à plenitude instintiva de um *barbarismo* que o submerge na imanência. *Barbarismo* que implica uma concepção niilista do mundo: o horizonte impenetrável — seja no seu estatuto ontológico, seja na sua fenomenologia —, sobre o qual nada se tem a descobrir, mas tão somente que inventar. Criar para que a vida seja, ao menos, suportável... Para que, através da grande ilusão da arte, o homem possa de alguma forma conviver com a dor, com o caos, com o absurdo de existir.

8

Hessem⁶ estabeleceu uma genealogia para a verdade: inicialmente, era obtida da autoridade — dos líderes, dos sacerdotes, dos textos inspirados, etc. Mas a autoridade garante *certezas*, dificilmente a verdade. O segundo critério da verdade foi retirado do *princípio da evidência*, cujos fundamentos são os silogismos e as operações lógico-dedutivas — que, por sua vez, exigem como ponto de partida um axioma. O problema está nesse apriorismo: os axiomas raramente se sustentam historicamente. O terceiro critério da verdade adveio do Pragmatismo norte-americano: o que é útil e pode ser instrumentalizado para tornar a vida humana melhor e mais rica faz-se necessariamente verdadeiro. Finalmente, para o materialismo dialético, o critério da verdade é a prática social. *Práxis*.

⁶ Cf. HESSEM, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo, Martins Fontes, 1999. (Col. Ensino Superior).

Popper⁷ afirmou a impossibilidade da História — tal como tenham ocorrido os fatos. Cada época se acerca do passado de acordo com o seu próprio manancial ideológico e com a sua própria subjetividade. A História não é a *história da verdade*, no máximo é a *história da verdade segundo as concepções correntes*. O que se deve ter em mente é o fato de que, se a História não pode alcançar a verdade do passado, tampouco pode trazer alguma luz sobre a verdade presente.

Este é precisamente o paradoxo que marca as disciplinas das ciências contemporâneas — e a origem de todos os questionamentos que lhes são dirigidos. Ainda que se proponham a desvelar a *verdade* sob determinada perspectiva epistemológica, no máximo, dentro dos seus limites metodológico-epistemológicos, alcançam as suas *verdades em movimento*. Em última instância, a História, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, etc. constituem linguagens.

Que dizer da Educação, cuja feição é dada numa miríade epistemológica? O problema da legitimidade da Educação, enquanto campo científico, vem da infinidade de linguagens exógenas de que lança mão para compreender os seus fenômenos próprios. Mas é precisamente nessa infinidade de linguagens que a Educação abandona as *verdades em movimento* em direção a uma verdade substancial — O que é a *Complexidade*, senão a proposição de uma linguagem comum, embora multirreferenciada, para a investigação dos fenômenos educacionais?

O Ceticismo Pragmático se opõe ao cavernismo platônico⁸, na medida em que nega a possibilidade de uma *fuga* para o exterior da caverna. Uma Ontologia pragmática para a Educação deve manter a perspectiva do anticavernismo, em nome de uma cavernalidade absoluta: na impossibilidade da *fuga* para o exterior

⁷ POPPER, Karl. **A miséria do historicismo**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980.

⁸ Cf. PLATÃO. **A república**. São Paulo, Nova Cultural, 2000.

da caverna; a possibilidade de adentrá-la ainda mais — e encantar-se do seu interior.

A proposta de Morin para *uma educação do futuro*⁹ se consubstancia na exploração profícua do interior da caverna. É tarefa da *educação do futuro* desvendar a própria condição humana — e nada além disso! Constitui um engano comum, dentre os pensadores da Educação, supor para a *Complexidade* a existência de uma *externalidade* à caverna. Seja em Wilden¹⁰, em Capra¹¹, em Prigogine/Stengers¹² ou em Morin, a *Complexidade* representa, em última análise, o abandono definitivo da busca pelo *noumeno*, em função da eleição da própria consciência como campo investigativo (na impossibilidade da fuga para o exterior da caverna; a possibilidade de adentrá-la ainda mais).

Tal engano advém de uma concepção limitada da *Complexidade*: quando pensada tão somente como uma epistemologia, parece pressupor um destino, um escopo de conhecimento da verdade, um *noumeno* a ser desvelado e posto em termos inteligíveis — uma exterioridade à caverna portanto. Mas a *Complexidade* como ontologia é a negação da possibilidade de conhecimento de algo que não seja a própria consciência humana. Somente desta perspectiva faria sentido a afirmação de Morin: *a complexidade não está na periferia dos fenômenos; ela é o seu fundamento e o seu princípio*.

O *Princípio Hologramático* de Morin traduz perfeitamente este ponto de vista, ao questionar o postulado cartesiano sobre a capacidade racional de compreender a totalidade do fenômeno — pelo conhecimento das suas partes componentes. Descartes¹³ admite o acesso ao *noumeno* da realidade (Assim como a própria Matemática Euclidiana o admite); Morin não o admite: o todo e as partes formam uma unidade orgânica, imbricada, profundamente *complexa*.

O ente que surge do amálgama composto de todo e partes é de tal ordem transcendente, que se põe inalcançável ao ser humano, a quem caberia, não

⁹ Cf. MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro** 3a. ed. - São Paulo, Cortez, 2001.

¹⁰ Cf. WILDEN, Anthony. **Sistema y Estructura**; Ensayos sobre comunicación e intercambio. Madrid, Alianza Editorial, 1979.

¹¹ Cf. CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**; A ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25ª ed., São Paulo, Cultrix, 1982.

¹² Cf. PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A nova aliança**; Metamorfose da ciência. Brasília, UNB, 1991.

¹³ DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 2005.

mais compreendê-lo, mas somente posicionar-se a ele — conhecer exaustivamente o interior da caverna é, de certa forma, intuir o seu exterior, mas não desvendá-lo. Deste princípio, deriva o *Princípio da emergência*: qualidades do todo não pode ser previstas nas categorias das partes. Transportados para o plano da Ontologia, este é precisamente o posicionamento do Ceticismo Pragmático.

11

A *Complexidade* de Morin combate o reducionismo cartesiano da abstração dos fenômenos. Do seu ponto de vista, a herança cartesiana promove uma grosseira simplificação ontológica: a ideia de que o *noumeno* pode ser inferido e matematizado. Morin propõe um *noumeno* holístico, íntegro, uno em si, absoluto — Nada nele pode ser reduzido, suprimido ou dividido. Exatamente por isto, o *noumeno* é inalcançável à razão humana, apenas podendo ser intuído pela consciência nas suas manifestações fenomênicas. A consciência é tão fragmentada quanto os próprios fenômenos: tal como o conjunto de fenômenos não expressa a unicidade do *noumeno*, a consciência igualmente não a poderia expressar — apenas intuí-la. Assim, a tarefa da *Complexidade* é a de situar a unicidade intuída no *noumeno* no plano da razão. Do diálogo entre a consciência complexa e o *noumeno* indivisível resulta o ente que consubstancia todo e partes, surge a própria transcendência.

12

O ser humano se relaciona com a realidade como uma unidade biolinguística — embora caracterizada na díade de fatores somáticos e psíquicos. Corpo interferindo na mente (químico-hormonal); mente determinando a realidade corpórea (psicossomático).

Na gênese antropológica, o homem se diferenciou, assumindo a abstração como recurso de sobrevivência. Desta forma, transcendeu o mundo natural, tornando-se *sapiens sapiens*¹⁴. A transcendência para o *sapiens sapiens* representa a contramão do conceito darwiniano de *Evolução* — do ponto de vista

¹⁴ Do Latim (Lt. *sapiens sapiens*): aquele que sabe que sabe, possuidor de consciência e, por isto mesmo, cômico da sua condição.

evolutivo, a sobrevivência da espécie humana é absolutamente incoerente. O fato de ter se tornado o predador mais eficiente da natureza traduz um irônico paradoxo: a espécie organicamente mais frágil torna-se a espécie dominante por excelência.

Como? Abdicando das estratégias de adaptação.

Com efeito, tamanha a sua fragilidade orgânica, o homem não foi capaz de adaptar-se à constringência da natureza. Foi obrigado a adotar o caminho inverso: adaptar a natureza à sua própria fragilidade, o que implica abstração — consciência. Assim, deixou de ser regido somente por leis naturais — o que é próprio dos demais — e passou a ser constituído tanto da sua ancestralidade genética quanto do seu grau de interação com o meio ambiente (síntese biolinguística).

13

O homem como síntese biolinguística. De um lado, o seu aparelho psíquico se matura dentro do ritmo previsto para um ser orgânico. Em se tratando do ser humano, a maturação é um pouco mais lenta, posta a necessidade de preparar a sua arquitetura psíquica para a atividade de abstração. Com efeito, o recém-nascido humano é o que mais vagarosamente progride no seu desenvolvimento, e, por isso mesmo, o que mais necessita de proteção — supõe-se maior submissão à linguagem. Por outro lado, o seu aparelho psíquico se altera conforme a sujeição aos padrões de linguagem a que é exposto. O recém-nascido ignora tudo o que não é instintivo. Ignora sobretudo os limites entre si e o outro. Do contato com o outro, aprende a se diferenciar, ao passo em que constrói os conceitos próprios da sua cultura — até o momento em que possa se integrar perfeitamente à sociedade a que pertence. Desta forma, o homem é uma síntese de características biologicamente herdadas e de toda a sua bagagem sociocultural (que absorve das suas interações com outros indivíduos — linguagens).

14

A consciência — abstração — é critério de sobrevivência para uma espécie tão despreparada para a constringência do mundo natural: porquanto fosse incapaz de se adaptar, o *sapiens sapiens* “adaptou” o mundo natural à sua pouca eficiência orgânica. Numa análise rasa, este processo implicou a confecção de tecnologias de produção. Esta solução foi proposta pela Ontologia Marxista¹⁵: a organização social, a divisão/exploração do trabalho e o desenvolvimento de tecnologias de produção possibilitaram a sobrevivência humana. No marxismo, a consciência atende a um imperativo imediato de alterar para sobreviver. No Ceticismo Pragmático, o conceito de sobrevivência é também contemplado, mas num horizonte mais profundo e determinante: na linguagem. Para sobreviver enquanto espécie, o homem alterou o mundo natural, mas este movimento fez alterar igualmente a sua própria consciência — e aqui não está pressuposta a *práxis*. As duas escolas divergem radicalmente sobre a fisiologia da consciência, posta à sobrevivência. No marxismo, a consciência gera tecnologia de produção, o que impõe o conhecimento como *práxis*; no Ceticismo Pragmático, a consciência cria tecnologia de linguagem, através da qual, embora para sempre desconhecido o *noumeno*, o mundo natural é apropriado, conceituado e transformado. Conhecimento como linguagem.

15

Toda tecnologia de linguagem promove alterações no aparelho psíquico humano¹⁶. Tais alterações equivalem à formação de uma aptidão, de um *modus* específico de interpretação, de acordo com o padrão semiótico a que o indivíduo é exposto. As tecnologias de linguagem condicionam o aparelho psíquico humano, adestrando a sua sensibilidade — efetivo *Aprender a aprender*. A Semiótica Pragmática de Peirce carrega a possibilidade de uma função metacognitiva para o lema pedagógico *Aprender a aprender* — coerente, por sua vez, com o conceito de linguagem construtiva do real sugerido pelo Ceticismo

¹⁵ Cf. ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984. (Col. Perspectivas do Homem; V. 99).

¹⁶ Cf. McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo. Cultrix, 1964.

Pragmático. *Aprender a aprender* supõe o domínio operativo dos padrões de linguagem: icônico, simbólico e indicial.

16

O padrão icônico. Analogia imediata com o objeto representado. Evasivo, subjetivo, estético.

Como primeira tecnologia de linguagem, a expressão oral possibilitou ao homem o seu desenvolvimento psíquico-social mais básico. Não por acaso, os linguistas atribuem a formação da consciência humana à capacidade de fala. Ao se examinar a história das sociedades, é possível observar que quanto mais completa a oralidade de um povo, mais se complexificam as suas dinâmicas sociais.

Entretanto, como elemento tecnológico, a oralidade carece de extensão, o que a torna bastante limitada no seu potencial informativo. Antes do advento da escrita, para dotar a fala de alguma extensão maior, apelava-se para o mito. Com efeito, a Idade Mítica representou muito mais uma necessidade de projetar a informação às descendências humanas do que uma opção estética ou mesmo uma ritualística. Todos os conhecimentos, todos os valores, toda a história das sociedades não-letradas foram preservados numa aura sobrenatural e universalizante — sem a qual fatalmente seriam perdidos. Para que as informações pudessem vencer o devir da oralidade, no tempo e no espaço, necessitavam ser associadas ao mítico, ao maravilhoso, ao divino... As lendas, as tradições, as alegorias foram recursos pedagógicos próprios das sociedades anteriores ao registro escrito (ou daquelas em que a escrita recrudescer: Idade Média Europeia, Século XX).

17

O padrão simbólico. Arbitrário, convencionado, inferente. Como recurso semiótico, o símbolo necessita de decodificação lógico-dedutiva.

O universo simbólico é manifestado sobretudo na escrita. Os historiadores costumam situar o surgimento da escrita entre os Séculos VII e VI a.C. (sumérios, escrita cuneiforme). Pictográfica na sua forma original. Posteriormente, ideográfica (egípcios e seus hieróglifos). A escrita alfabética só seria desenvolvida no século IV a.C. (fenícios, alfabeto avocálico) e elevada à sua expressão definitiva na Grécia Jônica (alfabeto vocálico).

A importância desta tecnologia para a vida social reside na sua capacidade de organizar as grandes concentrações humanas. Não fosse a escrita, as leis, a política, as atividades comerciais, as religiões não poderiam ser perfeitamente sistematizadas e registradas. Os conhecimentos complexos não se perpetuariam. A *Episteme* essencialista pré-socrática e entre os Gregos Superiores — retomada pela Escolástica — não seria legada à Modernidade.

Embora a escrita tenha sido prerrogativa de poucos até a Revolução Industrial, ela constituiu o lastro educacional mais fundamental do Ocidente — notadamente, após Gutemberg. A Modernidade nasce sob os auspícios de uma tecnologia da linguagem: a tipografia. Até 1445, toda a escrita dependia de caros e raros suportes — papiro e pergaminho — e de um *know how* dominado por poucos: a técnica da escrita/leitura. Com a invenção de Gutemberg¹⁷ e a utilização do papel como suporte de escrita, a tecnologia foi difundida com espantosa velocidade, modificando totalmente a feição do Ocidente. Para McLuhan¹⁸, o impresso transformou completamente a psique humana, dotando-a de uma racionalidade sem precedentes. A popularização da leitura padronizada dos tipos¹⁹ condicionou o olhar humano à percepção linear da realidade constituída por relações invariáveis de causa e consequência.

O pensamento racionalista, próprio da Modernidade. Se o homem moderno pretendeu que a realidade fosse *lida* de forma linear, se a sua subjetividade se transformara a ponto de exigir que até o fenômeno natural se comportasse de

¹⁷ Há quem conteste a efetiva participação de Gutemberg na criação dos tipos móveis, afirmando haver indícios da tipografia desde 1390, na Holanda. É certo que Konster já utilizava tipos móveis de madeira, desde 1410, difundindo a tecnologia na região dos Flanders, num período bastante anterior à atividade de Gutemberg.

¹⁸ Cf. McLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutemberg**; A formação do homem tipográfico. São Paulo, Nacional, 1977. (Col. Biblioteca Universitária; V. 12).

¹⁹ Na qual as letras se juntam para formar sílabas, que por sua vez geram palavras, que se constituem em frases, orações, parágrafos, até chegar ao texto completo — uma atividade que pressupõe a lógica da causa/consequência.

maneira lógico-dedutiva²⁰, toda a produção humana definitivamente padeceu da racionalidade. As instituições ocidentais modernas foram postas sob a égide da lógica racional.

18

Padrão indicial. Constatação, volatilidade, superficialidade.

Fundamentado nos índices, signos que apontam para a possibilidade do objeto (não para o objeto em si), sem contudo delimitá-la na sua proposta de semiose. Negam a definição tomista²¹ do signo: *Aliquid stat pro aliquo*. Os índices não se colocam no lugar do objeto, mas tão somente no lugar da possibilidade do objeto. Como consequência, a sua efemeridade.

Na primeira metade do Século XIX, surgiram tecnologias de linguagem que revolucionariam a psique humana (no plano da Epistemologia, a relação entre o homem e o conhecimento). Fotografia, telégrafo e telefone; posteriormente, já no século XX, cinema, rádio e televisão. O homem da Modernidade era guiado pela linearidade lógico-dedutiva; o homem da Pós-Modernidade a substituiu por subjetividade, concomitância, fugacidade.

Da perspectiva de McLuhan, a leitura linear tornou-se uma leitura em mosaico, na qual tudo é capturado ao mesmo tempo e imediatamente. O olhar não constrói sentido ou direção (no seu movimento da esquerda para a direita, de cima para baixo, juntando, hierarquizando, fornecendo significado aos elementos, constituindo uma semiologia). Agora, o olhar se fixa no centro e se deixa levar pelo panoptismo da imagem — leitura em mosaico.

Evidentemente, a leitura em mosaico (imagem) será construída aos poucos, ao longo do Século XX, como uma nova subjetividade a tomar para si as consciências humanas — além da *gnose*, a *hipnose*. Uma nova pedagogia da imagem, tão poderosa em sua proposta de sedução quanto aquelas imediatamente anteriores à Modernidade (os vitrais medievais, os santos esculpidos, as pinturas pré-Renascentistas). Sedutora, porquanto represente o

²⁰ *Princípio do determinismo*, base da Ciência Moderna.

²¹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. *Questões Disputadas Sobre a Verdade*. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

semipermanente do desejo. Aliás, a função semiótica do mosaico é provocar o desejo.

19

A linguagem é a verdade em movimento, dissolvendo-se e se recompondo, no infinito exercício dialético da comunicação humana. Sobre a natureza da imagem (como representação do real), é preciso entender que não existem determinismos. Há o tratamento icônico da imagem e há a sua indicialização. Enquanto ícone, a imagem promove a catarse libertadora (iminentemente estética), capaz de arrancar a consciência do seu embotamento cotidiano e projetá-la à transcendência do novo (de onde pode intuir o *noumeno*).

A tanatografia²², presente sobretudo na fotografia e no cinema, representa perfeitamente esta catarse libertadora. Ao interromper a ilusão da cena, pela cessação do (igualmente ilusório) movimento, a imagem tanatografada arrebatada a consciência do seu receptor e a remete à intuição do *noumeno*: própria condição humana, finita. Tal é o impacto psíquico promovido pelo ícone no inconsciente humano. Sobre a expressão congelada da atriz Fay Wray, em *The mystery of wax museum*, Philippe Dubois²³ escreveu: *O medo a congelará na película. Estou dizendo: eis o fotograma: representa o rosto de Fay Wray de frente justamente no instante em que ela descobre o horror do rosto mutilado de Gregor/Górgona, que a fixa de maneira insuportável. Olhar de medo, hipnotizado, paralisado no intercâmbio especular com o olhar mortífero do terror. Petrificada (peliculada, fotografada) e, por aí mesmo, no jogo pragmático da frontalidade da imagem, por sua vez petrificante, imagem peliculada de nossa própria petrificação. Irredutível circularidade/especularidade do efeito-Medusa, instituído pela reciprocidade do face a face e na própria fatia do olhar cortante/cortado. Eis, é claro, a própria imagem do cinema (não somente do terror), de todo cinema, e portanto, também (principalmente) a própria imagem da fotografia. A parada na imagem, peliculada, mostrada no terror, como um olho transtornado. O decreto de (pequena) morte.*

²² Ausência de movimento na imagem. Supostamente, cria no receptor uma representação psíquica da morte.

²³ Cf. DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico** e outros ensaios. Campinas, Papirus, 1994.

La petite mort, tanatográfica, intuída e intuitiva do *noumeno*. A górgona Medusa foi uma das primeiras metáforas para a câmara fotográfica, porque petrifica o real, paralisa-o, mortifica-o.

20

No Século XXI, a grande revolução comunicacional. As tecnologias de linguagem que confluíram para a confecção da rede mundial de computadores: o telégrafo elétrico (1837), o telefone (1875), o telégrafo via radiodifusão (1899), as tecnologias imagéticas da fotografia e do cinema (1832-1900), o rádio (1891), a televisão (1935), o computador (1945), a microeletrônica (1976), o computador pessoal (1981), a multimídia (1985).

Para McLuhan, todo veículo que se instala no ambiente comunicacional toma os anteriores como linguagem, até o ponto em que constrói a sua própria. Assim, a escrita usou a fala como linguagem e foi igualmente utilizada pelo jornal. O jornal, por sua vez, foi o lastro do rádio, que se constituiu base para a televisão, etc. As tecnologias prismáticas da linguagem, sobretudo a Internet, contém todos os suportes anteriores, embora ainda estejam em processo de construção da sua própria linguagem.

As tecnologias prismáticas da linguagem representam formas não-hierárquicas e cooperativas de organizar informações. Por isso mesmo não podem ser controladas. Por um lado, cada unidade prismática (cada computador no mundo) é, ao mesmo tempo, um polo emissor e um polo receptor de informações. Por outro lado, toda a rede de informações (a própria Internet) é construída colaborativamente por todos os usuários que a acessam. Até o que se pergunta à Internet é usado como critério para a resposta (por isto, Pierre Levy²⁴ ousa propor uma *Inteligência Artificial* para a rede).

21

O desenvolvimento colaborativo da rede é diretamente responsável por sua maior característica: a interatividade.

²⁴ Cf. LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**; O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, editora 34, 1993. (Col. TRANS).

Interatividade pressupõe a capacidade de alterar a mensagem original na fonte emissora, seja esta mensagem um conteúdo, uma informação, uma linguagem ou a própria tecnologia do veículo. A interatividade da rede determina o ciberespaço. O ciberespaço, por sua vez, constitui a interconexão de todos os dados, todas as memórias, todos os processos e todas as tecnologias que compõem a própria rede mundial de computadores. Segundo Levy, na medida em que o ciberespaço construa uma linguagem, fará brotar o seu duplo humanizado, a cibercultura — conjunto de saberes, atitudes, técnicas, práticas, condutas, crenças, valores que surgem do ciberespaço, representando uma instância virtualizada do convívio humano.

Como universo da cibercultura, a rede mundial de computadores representa mais do que um simples veículo de comunicação; é na verdade um mecanismo de projeção de todas as consciências humanas, portadoras de saberes, subjetividades e técnicas, organizadas numa dimensão socializadora comum: as tecnologias que constituem a Internet. Como tal, a fisiologia da internet favorece à assunção de uma maneira toda peculiar de organização psíquica, subjetiva e intelectual. A cibercultura seria a sua expressão.

22

Em Rorty²⁵: *conhecer é representar acuradamente o que está fora da mente; assim, compreender a possibilidade e natureza do conhecimento é compreender o modo pelo qual a mente é capaz de construir tais representações.* Aqui se justifica o Pragmatismo de Rorty. Não importa conhecer o *noumeno*, mas apenas a sua interpretação eficaz (linguagem como necessidade de sobrevivência). Longe de instrumentalizar o conhecimento, Rorty admite a sua dimensão iminentemente antropológica. O pressuposto do Pragmatismo: o conhecimento verdadeiro é aquele que vai de encontro às necessidades humanas. Advoga o abandono da busca do *noumeno*.

²⁵ Cf. RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

23

No devastador *A filosofia e o espelho da natureza* — subsidiado por Heidegger, Nietzsche, Dewey e Wittgenstein —, Rorty afirma a Ciência Moderna (e toda a sua epistemologia) como uma tentativa de legitimar uma visão ideológica dos fenômenos, travestindo-a de *verdade*. Uma Ciência de preconceitos, por assim dizer. Munido da pretensão de desnudar o *noumeno*, o conhecimento científico ritualiza a sua linguagem, oferecendo-a como verdade. Rorty diz: *pensar que compreender como conhecer melhor é compreender como melhorar a atividade de uma faculdade quase-visual, o Espelho da Natureza, e assim pensar no conhecimento como uma montagem de representações exatas. Então vem a ideia de que o modo de ter representações exatas é encontrar, dentro do Espelho, uma classe privilegiada especial de representações tão compulsivas que sua exatidão não possa ser posta em dúvida. Esses fundamentos privilegiados serão os fundamentos do conhecimento e a disciplina que nos dirige para elas – a teoria do conhecimento – será o fundamento da cultura. A teoria do conhecimento será a busca por aquilo que compele a mente a crer tão logo algo é desvelado. Filosofia – enquanto – epistemologia será a busca pelas estruturas imutáveis dentro das quais conhecimento, vida e cultura devem ser contidos – estruturas colocadas pelas representações privilegiadas que estuda.*

24

Para o Ceticismo Pragmático, o não abandono do *noumeno* implica o reconhecimento e a aceitação da realidade como uma esfera independente do pensamento humano. Mas o próprio Ceticismo Pragmático faz ressalvas. É certo que o conhecimento é fruto de uma evolução/tradição de conhecimentos anteriores (visão ideológica dos fenômenos); mas também o conhecimento sofre a constringência da ação dos fenômenos sobre o próprio processo cognitivo. Um objeto pode ser tocado, porque é sólido. Não é sólido, por poder ser tocado.

25

Uma ontologia pragmática para a Educação deve manter a perspectiva do anticavernismo, em nome de uma cavernalidade absoluta. O conhecimento não

é a representação do objeto, mas uma forma de lidar com o objeto (a consciência como critério de sobrevivência). O conhecimento é provocado pela interação do ser com o seu meio, tornando-se linguagem (afinal, o homem é uma síntese biopsíquica). A pretensão de uma interação controlada recebe o nome de Educação. A interação espontânea é a própria experiência de existir.